

**O MESMO FOI REGISTRADO:
PARA O ESTUDO DA REALIZAÇÃO DE *MESMO*
COMO PRONOME PESSOAL OU DEMONSTRATIVO
COM VALOR ANAFÓRICO
NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Rosicleide Rodrigues Garcia (USP)
rhozzi@usp.br

RESUMO

Observando os diálogos, discursos, etc. dos falantes no cotidiano, é comum encontrarmos o fenômeno da hipercorreção, ou seja, “palavra, frase, pronúncia etc. que resultou incorreta ou mal selecionada para um dado contexto, em virtude da procura exacerbada da correção” (HOUAISS, 2007). Neste contexto, observa-se o uso do termo *mesmo* como pronome pessoal ou demonstrativo com valor anafórico. Embora este artigo revele a utilização desse elemento na língua, na forma descrita, desde o século XIX, ele é tido como uma variação linguística, de modo a não ser citado pelos principais manuais de gramática normativa. Entretanto, assim como encontramos sua realização no português oitocentista, percebe-se que sua ocorrência é de uso contínuo, principalmente entre os falantes que buscam demonstrar eloquência e seriedade em sua fala, tendo em vista que tal variação dificilmente apareceria numa conversa descontraída. Talvez por esse motivo, encontra-se em manuais de redação distribuídos pela Internet a recomendação para que se evite essa forma. Sem entrar no mérito de ser ou não adequado o uso descrito, por meio dessas considerações este artigo traz um pequeno estudo sobre a realização de *mesmo* com valor anafórico, comprovando sua existência nos séculos passados e fazendo um levantamento do que se é dito normalmente sobre o assunto de forma que venha a auxiliar futuras pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Mesmo. Gramática normativa. Português. Anafórico

1. Introdução

No artigo 1º da lei estadual nº 9.502/97, de 11 de março de 1997, está registrado:

Os prédios comerciais, edifícios de apartamentos, escritórios e outros estabelecimentos congêneres, públicos ou particulares, dotados de elevadores, ficam obrigados a fixar junto às portas externas desses equipamentos plaquetas de advertência aos usuários, com os seguintes dizeres: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar".

Embora essa norma esteja afixada em diversos andares de edifícios, encontramos nela, gramaticalmente, uma particularidade quanto ao uso do vocábulo *mesmo*. Se o buscarmos no *Dicionário Houaiss* (2007),

por exemplo, este terá 13 acepções diferentes, sendo adjetivo, pronome, advérbio e até substantivo masculino sob as seguintes definições:

- 9 coisa semelhante
Ex.: nos dias seguintes, sucedeu o m.
- 9.1 o que mantém suas características essenciais
Ex.: procurou-o porque lhe disseram que ainda era o m.
- 10 fusão de alternativas
- 10.1 entre ações; tudo igual
Ex.: viajar ou não era o m. para ele
- 10.2 entre coisas; todo igual
Ex.: com sol ou chuva, o programa será o m.
- 11 expressa a possibilidade de uma comparação de igualdade (ger. antecedido de artigo e seguido de que ou do que); igual a, como
Ex.: isso é o m. que lhe dizer não

Todavia, assim como nas gramáticas renomadas – excetuando-se a *Gramática metódica da língua portuguesa* de Napoleão Mendes de Almeida (2004) e seu *Dicionário de questões vernáculas* (2005) – não há menções de tal palavra ser utilizada com função de pronome pessoal ou demonstrativo, substituindo plenamente um termo já mencionado no período, como ocorre no termo da lei de 1997. Ou seja, como um sintagma nominal trabalhando como dêitico anafórico, conforme exemplificado: “Cancelei meu e-mail, acreditando que o mesmo foi invadido e não consegui recuperá-lo.”¹⁴

Porém, como visto por meio da redação legal, tal uso é corrente na língua portuguesa, sobretudo entre aqueles que precisam utilizar uma linguagem mais rebuscada. Embora na oralidade, em meios sociais descontraídos, tal prática não seja comum, o mesmo não acontece quando o falante apresenta-se em situações em que se é exigida maior eloquência.

Ainda que não se possa dizer se essa prática ocorria da mesma forma no século XIX, em documentos do período foi possível encontrar tais usos, que serão discutidos ao decorrer do artigo. Para constatar as

¹⁴ Pergunta postada no Fórum de Ajuda do Google. Disponível em: <<http://www.google.com/support/forum/p/orkut/thread?tid=7efb2d781166c4a7&hl=pt-BR>>. Acesso em: 24-04-2011.

citadas afirmações, o estudo teve como ferramenta a filologia, “[...] uma ciência histórica que tem por objeto o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que eles nos deixaram” (DUBOIS *et alii*, 2001, p. 278), em apoio às demais ciências, como a linguística histórica, de modo que se possa compreender como ocorre o desenvolvimento e estabelecimento desse vocábulo na língua.

2. *Corpus testemunhos do uso de mesmo no século XIX*

O uso de *mesmo* como pronome pessoal ou demonstrativo aparece em documentos oitocentistas da cidade de Capivari, no interior de São Paulo. Os fenômenos foram encontrados eventualmente durante as edições de fólios oficiais referentes à parte administrativa entre a Câmara da cidade e cidadãos de posses aos presidentes da província de São Paulo.

As edições são provenientes do labor filológico que seguiram normas previamente estabelecidas e que podem ser vistas em Rosicleide Rodrigues Garcia (2009), onde constam integralmente as edições e fac-símiles dos documentos. Na relação a seguir, serão descritos: o tipo de documento selecionado, data de criação, emissor e remetente, a que se destinou e codificação da localização dos fólios disponibilizados no Arquivo do Estado de São Paulo. São eles:

- Ofício de outubro de 1838 da Câmara Municipal da cidade ao presidente da província Venâncio José Lisboa: informação sobre a abertura de uma estrada, custos e medição. Documento 76, CO0980, caixa 185, pasta 2.
- Ofício de fevereiro de 1839 do inspetor de estradas Pedro Domingues Paes Leme ao cito presidente da província: informação e declaração sobre a construção da ponte do rio Capivari. Documento 84, CO0980, caixa 185, pasta 2.
- Ofício de setembro de 1841 do agente da coletoria Joaquim de Almeida Sales aos vereadores da Câmara Municipal de Capivari: informação sobre a passagem de uma nova estrada nas terras de Capivari. Documento 51, CO0980, caixa 185, pasta 3.
- Ofício de abril de 1843 de Fernando Paes de Barros ao Presidente da Província José Carlos Pereira Almeida Torres: reclamação do inspetor por as estradas passarem por suas terras de maneira

particularmente indevida. Documento 93, CO0980, caixa 185, pasta 3.

- Ofício de outubro de 1858 da Câmara Municipal ao Presidente da Província José Joaquim Fernandes Torres: petição para reutilização de madeira do rancho de tropeiros para a construção da cadeia. Documento 95, CO0981, caixa 186, pasta 3.
- Ofício de fevereiro de 1884 da Câmara Municipal ao Presidente da Província Barão de Guajará: informação sobre a construção do Colégio no Largo da Liberdade (hoje Praça Cesário Mota). Documento 88, CO0982, caixa 187, pasta 4.

Para demonstração do modo como a palavra *mesmo* ocorreu, as transcrições foram semidiplomáticas, ou seja, as palavras são descritas conforme aparecem nos documentos, porém, com estabelecimento de fronteiras entre elas, mesmo que no século XIX tais normas ainda não estivessem estabelecidas.

Quanto à forma de apresentação dos exemplos dos fólios seculares, para melhor entendimento, antes de cada um aparecerá o ano do ofício, o número da página em que ocorreu a aparição do vocábulo e a codificação *r* de retro (frente) ou *v* de verso.

3. Origem e uso do vocábulo como pronome pessoal ou demonstrativo

Segundo o dicionário etimológico Antônio Houaiss (2007), a primeira datação do termo *mesmo* é de 1265, e sua origem é do latim vulgar “*metipsimus, a, um*, superlativo de *metipse*, da partícula *met* + pronome demonstrativo *ipse, a, um* 'mesmo, mesma; ele mesmo, ela mesma; de si mesmo, de si mesma’”.

De acordo com Vanessa Cacciaguerra e Anna Karolina Miranda Oliveira (2009, p. 6), as suas formas gramaticais são semelhantes nas demais línguas românicas, mas em português:

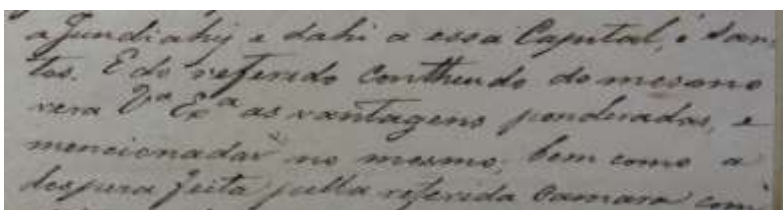
[...] o item *mesmo* usado como pronome pessoal ou demonstrativo não é aceito pela norma culta, entretanto, sua ocorrência é muito comum entre os falantes da língua portuguesa, inclusive falantes do português culto. Este uso tem sentido anafórico e sempre aparece retomando o pronome, nome próprio (“*Verificar o que está fazendo em S. Paulo A.V., e o que o mesmo faz no Rio*”) ou comum (“*não sabe dizer se esse encaminhamento resultou em contratação, pois o mesmo foi feito poucos dias antes de sua prisão*”) [...]. Acredita-se na

hipótese da etimologia latina, a qual já parecia ter sentido anafórico, tenha influência no uso do item *mesmo* atualmente para que a população opte tão insistentemente por este sentido anafórico com função pronominal ao invés do pronome pessoal *ele/ela* ou do pronome demonstrativo *este/esta*.

Ainda segundo as mesmas autoras (2009, p.8), “na década de 1940, o item *mesmo* já era produtivo em todas as categorias cognitivas na língua portuguesa” aparecendo como categoria de pessoa.

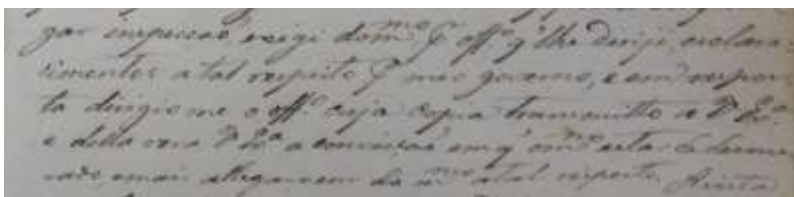
Porém, como citado, a sua aparição no idioma já consta de datas mais antigas. Vejamos:

(1) 1838, fólio 1r:



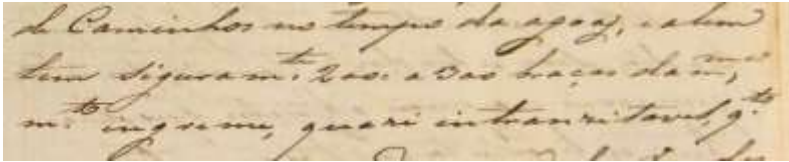
[...] a Jundiahy e dahi a essa Capital, a Santos. E do referido contheudo **do mesmo** vera Vossa Excellencia as vantagens ponderadas, e mencionadas **no mesmo**; bem como a despeza feita pella referida Camara com [...]

(2) 1839, fólio 1r:



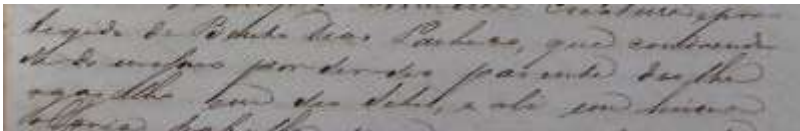
[...] gar inspecção, exige **do mesmo**, por officio que lhe diriji, esclare = cimentos a tal respeito para meo governo, e em respos = ta dirigio me o officio cuja copia transmitto a Vossa Excellencia e della vera Vossa Excellencia a convicção em que o mesmo esta de dezone = rado, e mais allegaçõens **do mesmo** a tal respeito. A vista [...]

(3) 1841, fólho 3r:



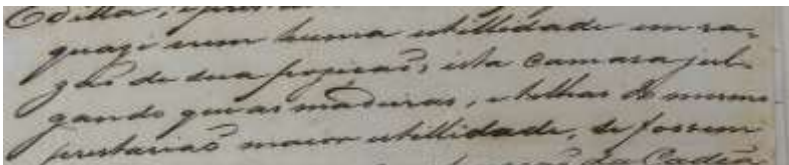
[...] de Caminhos no tempo da agoas, e alem tem siguramte 200 = a 300 braças **do mesmo**, muito ingreme, quazi intranzitavel, quanto [...]

(4) 1843, fólho 4v:



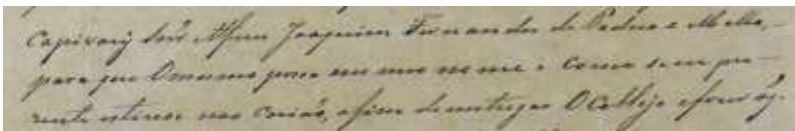
[...] tegado de Bento Dias Pacheco, que condoendo - se **do mesmo** por ser seo parente deo the agasalho em seo sitio, e ali em húma [...]

(5) 1858, fólho 1v:



[...] quazi nem huma utilidade em ra = zaõ de sua poziçaõ, ésta Camara jul = gando que as madeiras, e telhas **do mesmo** prestariaõ maior utilidade, se fossem [...]

(6) 1884, fólho 5r:



[...] Capivary Senhor Alferes Joaquim Fernandes de Padua e Mello, – para que O **mesmo** possa em meo nome e como se eu pre – zente estivese na ocaziãõ, a fim de entregar O Collejo e fazer o que [...]

Percebamos que nos itens (1), (3), (4) e (5), *mesmo* aparece como pronome demonstrativo, executando a função de *este, esta, aquele, aquela*, enquanto em (2) e (6), o vocábulo apresenta-se como pronome pessoal, substituindo o sujeito ou o objeto, e praticando ou recebendo a ação verbal, tal qual notado por Vanessa Cacciaguerra e Anna Karolina Miranda Oliveira (2009), ao citarem documentos estudados no século XXI.

Em outras palavras, ratifica-se a hipótese das autoras quanto à assimilação do pronome latino *ipse*¹⁵ e o uso atual de *mesmo*: na verdade, encontramos, por meio dos registros documentais, uma herança linguística quanto à substituição do vocábulo aos termos que assumiriam a função de anáforas. Todos os fólhos citados foram escritos por pessoas letradas e de cultura redacional, mas que precisavam utilizar um linguajar mais rebuscado, tendo em vista o meio e a quem se destinavam suas informações.

Todavia, é importante informar que esses documentos escolhidos são fruto de uma extensa pesquisa realizada para o levantamento de dados para o Projeto Caipira¹⁶. Assim sendo, foram editados 72 documentos – 184 fólhos, no total –, e somente nesses 6 relacionados houve a aparição das variações, o que nos leva a conjecturar que o uso de *mesmo* também se devia à hipercorreção, pois, de acordo com os poucos registros, não parecia ser tão comum entre os escrivães do período.

4. *O que dizem as gramáticas e os manuais estilísticos*

Nas gramáticas renomadas da língua portuguesa, como as de Evanildo Bechara (2009), Celso Cunha e Luís Filipe Lindley Cintra (1997), e até de Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante (1997) destinada

¹⁵ Pronome demonstrativo *ipse, ipsa, ipsum* – (eu, tu, ele) próprio, mesmo. *ipse, ipsa, ipsum* – (eu, tu, ele) próprio, mesmo.

¹⁶ Projeto temático de equipe, financiado pelo Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que objetiva compreender a formação da comunidade linguística de São Paulo através da análise de documentação e das variedades popular e culta do português paulista; da constituição histórica das variedades popular e culta paulista e da expansão da variedade popular paulista no Estado de São Paulo e em Mato Grosso.

ao ensino médio, não há menção sobre a utilização de *mesmo* como pronome pessoal ou demonstrativo. Cintra e Cunha (1997, p. 333) apenas citam que “mesmo e próprio são demonstrativos quando têm o sentido de exato, idêntico, em pessoa”, como exemplificado em Antônio Houaiss (2007): “O leão era o mesmo da gruta”.

De modo mais particular, no entanto, Napoleão Mendes de Almeida (2004, p. 186) expõe o uso da forma como “condenável” e diz ser “verdadeiramente ridícula essa substituição, que só logra atestar fraqueza de estilo, falta de colorido e de recursos sintáticos”.

Maria Helena de Moura Neves (2003, p. 516), por sua vez, registra que “é condenado em alguns manuais tradicionais o uso de *o mesmo, os mesmos, as mesmas* para referência a alguma pessoa ou a alguma coisa já mencionada (valendo por *ele, ela, eles, elas*, respectivamente)”.

Corroborando com as afirmações, em páginas eletrônicas temos diversas recomendações para que tal prática de adoção não seja tomada. Na revista científica jurídica *Jus Vigilantibus*, por exemplo, Luiz Cláudio Barreto Silva (2007) menciona que “essa prática é objeto de ácida crítica por parte da doutrina especializada. Entendem os doutrinadores que é ‘ruim ou não convém’; ‘são extremamente deselegantes’, além de outras considerações”.

Paulo Hernandez (2000) informa que

É comum ler-se construções desse tipo, onde o vocábulo "mesmo" é empregado dessa forma inadequada. E por que se deve evitar esse tipo de uso? Porque demonstrativos como *tal, mesmo, próprio* servem para identificar alguma coisa, ou seja, para indicar que se trata de alguém ou algo de quem ou do que já se falou ou já se sabe distinguindo-o de outro alguém ou outra coisa [...]. Há muitos recursos para se fugir da incorreção ou da pobreza no uso da linguagem.

E Paulo Ramos (*Dicas de Português* do site UOL Educação), por outro lado, constata que “apesar de não ser propriamente um ‘erro’, é melhor seguir o que a maioria diz. E não porque seja mais ou menos “feia” a escrita de ‘mesmo’ com ideia de ‘ele’. O ponto principal é que o não-uso torna a frase estilisticamente melhor e o texto muito mais claro e preciso ao leitor.”

Todavia, o dicionário europeu *online Priberam* traz como segunda acepção o uso do termo como pronome demonstrativo: “coisa ou pessoa que já foi mencionada anteriormente (ex.: *eu fiz a tarefa, mas a mesma*

não ficou perfeita)". Antônio Houaiss (2007), como comentado anteriormente, não faz nenhuma referência ao elemento discutido, e o *Aurélio Eletrônico 3.0* (2002) faz menção, mas não aconselha o uso:

Parece conveniente evitar o emprego de o mesmo com outra significação que não essa, ou seja, como equiv. do pron. ele, ou o, etc.: Vi ontem F. e falei com o mesmo a respeito do seu caso; Velho amigo desse rapaz, já tirei o mesmo de sérios embaraços. No primeiro exemplo se dirá, mais apropriadamente, falei com ele, ou falei-lhe (por "falei com o mesmo"), e no segundo, já o tirei (em vez de "já tirei o mesmo"). É tão frequente esse uso, pelo menos deselegante, de o mesmo, que podemos observá-lo num mestre como Camilo Castelo Branco (*Cenas da Foz*, p. 30): "A primeira mulher que amei era uma dama de alto nascimento, que tivera bastante influência no quartel-general de Lord Wellington, e jogara, por causa de um ajudante-de-ordens do mesmo, o sopapo com uma viscondessa celebrada." Seria melhor, sem dúvida, por causa de um seu ajudante-de-ordens (sem perigo, a nosso ver, de ambigüidade), ou por causa do ajudante-de-ordens deste.

5. Conclusão

Este artigo não tem a pretensão de determinar se é adequado ou não o uso de *mesmo* como pronome demonstrativo ou pessoal, nem tem condições de demarcar plenamente onde ele ocorre atualmente, mas constata-se que a presença do vocábulo em nossa língua ultrapassa o que é determinado na gramática normativa. Ademais, não é de exclusividade do português brasileiro, tendo em vista que o único dicionário a aceitar a definição de pronome demonstrativo anafórico é o *Priberam* (2010), que se define:

[...] de português europeu (de Portugal), cuja nomenclatura compreende o vocabulário geral, bem como os termos mais comuns das principais áreas científicas e técnicas da língua portuguesa contemporânea. Tratando-se de uma obra lexicográfica regida pela norma europeia do português, não inclui variantes gráficas da norma brasileira.

Sob um olhar na história documentada por meio de ofícios, percebeu-se sua presença desde meados de 1830, primeira fase do Brasil imperial, percorrendo todo o século XIX. Na literária, há o exemplo na obra *Cenas da foz* (1857) de Camilo Castelo Branco. E no XX, Vanessa Cacciaguerra e Anna Karolina Miranda Oliveira (2009) verificam que:

[...] como já existia em todas as categorias cognitivas na amostra da década de 1940, o item *mesmo* se mantém em processo de abstratização na amostra da década de 2000. O item continua sendo empregado e ainda é produtivo em todas as categorias cognitivas, o que nos faz concluir que o *mesmo* é empregado há pelo menos sessenta anos tanto na sua forma menos gramatical quanto na sua forma mais gramatical.

Nos séculos XX e XXI, há sugestões, até mesmo não científicas (considerando-se a ausência de pesquisas aprofundadas sobre o assunto), da origem do vocábulo como sendo próprio de grupos tidos como privilegiados, por possuírem o ensino superior. De acordo com Marinilda Carvalho (2011), do Jornal de Debates da mídia *Observatório da Imprensa*:

O uso da palavra como substituto de pronome ou artigo era privativo de secretárias, advogados e executivos de imaginação pouca, que precisavam apenas daquele textinho burocrático, sem alcance maior, para executar sua missão na Terra. Pois "o mesmo" agora está nos jornais e na TV.

Já no *Dicionário de questões vernáculas*, Napoleão Mendes de Almeida (2005) eleva a culpa aos que ele chama de “críticos de cacófato”, que seriam pessoas preocupadas em utilizar o pronome pessoal *ele* de forma inadequada, fazendo, assim, a substituição e atribuindo a *mesmo* a função de dêitico. Tal atitude desnecessária, segundo o autor, fez com que desconhecedores do idioma também comesçassem a perpetuar o “vício”.

Independentemente das opiniões transcritas, vemos no testemunho de Marinilda Carvalho que o *mesmo* pertence a um grupo ou situação seleta. Entretanto, ele existe e seria comparável à utilização dos pronomes de tratamento, os quais são discriminados para situações específicas.

De qualquer maneira, sua colocação dentro das normas gramaticais da língua parece incerta, de modo que se considera sensato o registro encontrado – sem autoria – em um blog especializado em cursos pré-vestibulares em referência ao que se deve fazer mediante a utilização de *mesmo* como pronome demonstrativo ou pessoal:

De toda forma, convém que não se use a palavra *mesmo* como elemento coesivo justamente por causa da diversidade de opiniões acerca da formalidade ou não desse tipo de emprego. Assim, é melhor que ele seja substituído por palavras como “dele” ou “ele”, para eliminar quaisquer dúvidas sobre seu emprego ou mesmo impedir que um texto de vestibular seja penalizado por uma banca de correção que tenha como referência o *Dicionário Houaiss*. (EQUIPE DE LÍNGUA PORTUGUESA DO COC MINAS, 2010)

Ou seja, reconhece-se a presença, mas não é admitido o uso.

Tendo em vista que o processo de gramaticalização de *mesmo* está entre os estudos linguísticos atuais, auxiliamos essas pesquisas fomentando-se os questionamentos: em quais situações e a qual público o *mesmo* se torna presente? Realmente haveria essa pretensa seleção social? O *mesmo* seria um percalço ou um elemento esquecido da norma cul-

ta, tendo em vista seu uso limitado?

Sendo assim, o que os documentos aqui editados e as breves pesquisas sobre o assunto demonstram é um pedaço dos registros da língua portuguesa, que pretende auxiliar novos estudos sobre o tema, ampliando justamente o conhecimento na área e, quem sabe, poder chegar a uma definição sobre a gramaticalização de *mesmo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Universitária, 1994.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ANOTAÇÕES sobre a norma padrão. In: *Equipe de língua portuguesa do COC Minas*, 2010. Disponível em <www.blogs.cocminas.com.br/redacao/files/.../anotacoes-sobre-a-norma-padrao.doc> Acesso em: 24- 04-2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. Como fazer, volume 8. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado.

CACCIAGUERRA, Vanessa; OLIVEIRA, Anna Karolina Miranda. Gramaticalização do item mesmo: a mudança nas línguas românicas. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, Ano 3. ed. 1, set./nov. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/6563/5958>>. Acesso em: 21-04-2011.

CARVALHO, Marinilda. Português de menas: a nova língua do jornalismo pós-moderno. In: *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd090120021.htm>>. Acesso em: 24-04-2011.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua por-*

tuguesa. 1. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio eletrônico* 3.0. Paraná: Positivo, 2002.

GARCIA, Rosicleide Rodrigues. *Para o estudo da formação e expansão do dialeto caipira em Capivari*. 2009. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HERNANDES, Paulo. O mesmo. In: *Dicas de português*, 2000. Disponível em: <<http://www.paulohernandes.pro.br/dicas/001/dica011.html>>. Acesso em: 24-04-2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MESMO. In: *Dicionário Priberam da língua portuguesa*, 2010. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=mesmo>> Acesso em: 25-04-2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português, confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2003.

RAMÉE, Pierre de la. Grammaire. Paris: L'Imprimerie d'André Vechel, 1572. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k68164n/f2.image.r=petrus+ramus.langPT>>. Acesso em: 13-09-2011.

RAMOS, Paulo. O mesmo... usar ou não? In: *Dicas de português*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/dicas-portugues/o-mesmo-usar-ou-nao.jhtm>>. Acesso em: 23-04-2011.

SÃO PAULO. Lei nº 9.502, de 11 de março de 1997. Dispõe sobre avisos a serem fixados nas portas externas dos elevadores instalados nas edificações públicas e particulares. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/171817/lei-9502-97-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 25-04-2011.

SILVA, Luiz Cláudio Barreto. Evite o uso indevido de “o mesmo” e “a mesma”. In: *Revista Jus Vigilantibus*, 2007. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/27846>>. Acesso em: 21-04-2011.